



AS OFICINAS, O MÉTODO RECEPCIONAL E A POESIA NA ESCOLA (WORKSHOPS, RECEPTION METHOD, AND POETRY AT SCHOOL)

Ivonete Veraldo GASPARELLO (Universidade Estadual de Maringá)

ABSTRACT: *To stimulate prospective readers of literature it is intended to show how the reading of a poem in class may be interesting. Some theoretical reflections to support these activities are provide besides a project of a workshop for poetry reading.*

KEYWORDS: *literature; reading; school; poetry; workshop.*

1. Considerações preliminares

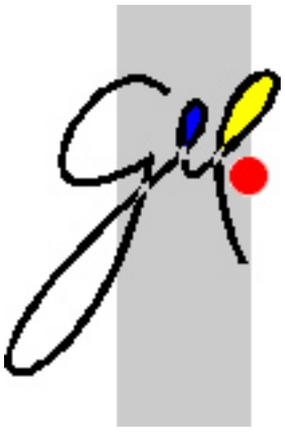
A importância da leitura da literatura não pode ser contestada ou renegada. Candido (1989) afirma que o direito à essa prática deveria ser visto como mais um entre tantos direitos humanos que podem levar o homem ao exercício pleno da cidadania. A poesia é parte integrante desse universo, o contato com ela sensibiliza e ajuda no entendimento do mundo e de nós mesmos. Todavia, a escola não vem dando a merecida importância às atividades com esse tipo de texto.

Nosso objetivo, neste artigo, é mostrar como é possível trabalhar a leitura do texto poético de forma interessante, integrando atividades diversas que fazem parte dos currículos escolares. Para isso, apresentaremos algumas reflexões teóricas necessárias para o desenvolvimento das atividades; em seguida, registramos uma proposta de oficina de leitura da poesia, já trabalhada em cursos com professores, pedagogos e graduandos em Letras e Pedagogia.

2. Fundamentando nossa prática

A tudo o que fazemos em sala de aula subjaz uma concepção de educação que foi constituída no decorrer de nossa formação escolar e na vivência em sociedade. Muitas teorias têm contraposto concepções diferentes de educação que convivem neste universo revelando suas contradições. Algumas vêem os alunos como uma caixa vazia que deve ser preenchida com os conhecimentos que o professor tem, sem importar-se com as experiências que eles já trazem da vida em família. As informações - o saber acumulado pela humanidade - são transmitidas e devem ser memorizadas sem a menor significação para o educando. A metodologia utilizada e a avaliação realizadas em sala de aula refletem esse pensamento.

Outras concepções valorizam o aluno como sujeito de sua aprendizagem, articulando um trabalho que prevê a participação ativa de professores e educandos, visando a formação de ambos. Freinet (1974), no início do século, já professava uma Pedagogia voltada para esses moldes, em que o trabalho em oficinas é a base para a aprendizagem. Ele afirmava que as teorias científicistas acabaram por fragmentar o



ensino, tirando o aluno de sua realidade, onde ele aprendia com a experiência, e colocando-o no banco escolar para receber passivamente o conhecimento dos livros. Para o autor, ficar só no conhecimento dos livros é alienar-se à vida. É preciso viver, observar a natureza e os homens, interrogá-los, pensar. A escola não consegue alçar a esse objetivo, ela oferece conhecimentos sem significado, tornando-se racional, formal, fria e apressada. Aprendemos sobre as peças, mas não o seu funcionamento

Antes da instituição da escola, as crianças aprendiam na convivência com os pais, na vida do cotidiano. Na escola, a situação de aprendizagem passa a ser artificial, isso dificulta a relação do aluno com o que deverá ser aprendido. Freinet aponta as oficinas como meio ideal para a superação dessa artificialidade. Elas devem ser *células vivas*, naturais, simples, um meio *no qual a criança se encontrará como que automaticamente enquadrada, arrastada, animada, entusiasmada* (Freinet, 1974: 163).

A organização da escola deve permitir uma atividade agradável, dinâmica e produtiva, adaptando-se ao meio e à época. O professor será, então, um mediador que não tem a função de dirigir as crianças, mas de indicar os caminhos e os veículos possíveis a serem utilizados para a travessia.

Se pensamos a educação dessa forma, a concepção de linguagem que deve fundamentar nossa prática é aquela que a vê como um meio de interação entre os indivíduos. Nessa concepção o sujeito passa a ser visto como parte integrante da atividade de uso da língua. A leitura, portanto, é uma atividade de interação entre autor/texto/leitor, e o ato de ler é uma procura inquieta do que o texto propõe, propiciada por uma leitura compreensiva e crítica do leitor que deve participar da construção do significado do texto com sua própria vivência.

Para Geraldi (1991), a leitura possibilita experiências de reconstrução e interação com o assunto tratado, com outros textos ou com a própria experiência do leitor. Quanto mais se lê, mais se experiencia a realidade, mais crítico se torna o leitor.

Compreendendo a leitura como processo interativo do leitor com o autor e o mundo, a literatura deve ser encarada como a possibilidade de concretizar esse movimento. Enquanto concretização da realidade, a literatura apresenta uma função altamente humanizadora porque ela nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante, parafrazeando Candido (1989). Na poesia, em particular, a linguagem estabelece um espaço de intensa subjetividade entre autor/texto/leitor, conferindo-lhe uma significação que foge do imediatismo das situações de uso da linguagem no dia-a-dia. As palavras são recriadas, despertando em nós sentimentos antes escondidos pelo ranço da rotina. A sensibilidade aflora, revelando o dinamismo das contradições humanas.

Para a criança, especialmente, a poesia parece ser uma brincadeira com as palavras, a ambigüidade, a surpresa, suscitadas pelo inusitado, mexem com a emoção, com as sensações. Por isso, sua leitura não pode ser ensinada, mas vivida: o ensino da poesia é, assim, o de sua descoberta (Averbuck, in: Zilberman, 1993). O trabalho deve partir dos sons e imagens suscitados pelo poema, as sensações devem ser valorizadas.

Ao considerarmos essas concepções, concluímos que não existem estratégias prontas e acabadas para o ensino da leitura da poesia. O professor deve visar o amadurecimento do aluno e sua emancipação. As estratégias devem levar alunos e professores a interagirem como construtores do processo educacional, incentivando a



criatividade, a imaginação e a habilidade crítica do aluno a partir do universo conhecido e desconhecido de ambos.

Freinet (1974) já dizia que as oficinas são a melhor forma de conduzir o ensino-aprendizagem. Elas são espaços/momentos em que professores e alunos se envolvem em situações significativas, abrindo caminho para a observação, a curiosidade, a criatividade de ambos. A situação deve ser o mais concreta possível, exigindo a participação ativa do grupo. O conhecimento deve ser produzido por todos, levando à aquisição de habilidades mais duradouras e à capacidade de reflexão crítica sobre o que foi aprendido.

Professores e alunos assumem papel de protagonistas do conhecimento. Por isso, nas oficinas de leitura de poesia, a comunicação entre eles deve levar a um caminho amplo para a busca da significação do texto lido. Para isso, Moraes Leite (1983) sugere que o professor deve ser mediador entre o texto e o aluno, conduzindo a discussão ou interpretação de forma democrática, sem impor seu ponto de vista, permitindo que aflore a leitura dos alunos; deve, também, permitir a escolha dos textos poéticos a serem trabalhados, evitando imposições e promovendo o diálogo; além disso, deve criar espaço para a criatividade do aluno e estar aberto para a pluralidade e renovação do texto poético, utilizando estratégias diferentes, sem seguir receitas.

Um dos métodos indicados para esse trabalho é o recepcional, concebido por Aguiar e Bordini (1988), que defende o relativismo histórico e cultural, concebendo a obra literária como um objeto que reflete tanto o contexto em que foi escrita quanto o momento histórico em que é lida e estudada, dependendo do trabalho e participação do leitor para a sua concretização. As obras valorizadas pelo método são as que emancipam o horizonte de expectativas do leitor. O objetivo maior é levar o aluno a refletir e mudar o seu comportamento, partindo de leituras já realizadas confrontadas com as feitas no momento.

Os alunos devem ser levados a efetuar leituras compreensivas e críticas, sendo receptivos a novos textos e a outras leituras. Da mesma forma, devem questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural. A partir dessa prática, alunos e professores são levados a transformar os próprios horizontes de expectativas, bem como os da escola, da comunidade familiar e social.

As etapas para o desenvolvimento do método recepcional, conforme Aguiar e Bordini (1988), abrangem:

- a) A determinação do horizonte de expectativas da classe para observar interesses, valores, modismos, etc. O professor pode chegar a esse horizonte através da observação dos alunos em sala de aula ou em momentos de descontração nos intervalos, buscando captar qual assunto está sendo mais discutido por eles; de questionários próprios para esse fim; da análise das fichas de retiradas de livros nas bibliotecas, entre outros meios. O objetivo é detectar qual o tema a ser trabalhado, qual o objeto portador de texto e as atividades que os alunos preferem.
- b) O atendimento do horizonte de expectativas dos alunos, com relação ao tema, ao material e às estratégias de ensino. Os alunos devem sentir-se satisfeitos com os elementos utilizados.



- c) A ruptura do horizonte de expectativas dos alunos com a utilização de material diferente dos anteriores em algum aspecto, seja na forma, no tema ou na linguagem. A preferência deve ser dada ao texto literário, à poesia, buscando romper com a expectativa dos alunos. As atividades também devem ser diferentes das realizadas nas etapas anteriores.
- d) O questionamento do horizonte de expectativas da classe, no qual os alunos refletem sobre as leituras e as atividades. É o momento de o professor levar os alunos a pensarem sobre o tema, sobre as dificuldades encontradas para a realização das atividades, comparando as etapas anteriores. As atividades devem possibilitar essa reflexão.
- e) A ampliação do horizonte de expectativas dos alunos. Essa etapa é resultado das anteriores e vai acontecer depois que os alunos tomarem consciência que mudaram, que cresceram de alguma forma e que, agora, podem alcançar objetivos maiores com relação à leitura da literatura e à própria vida, sua percepção estética e ideológica foi ampliada e eles poderão partir para novas leituras e atividades, recomeçando as etapas do método mais participantes de seu planejamento e desenvolvimento.

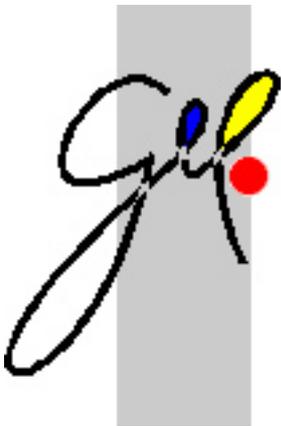
3. Conduzindo a prática

A partir da fundamentação teórica exposta anteriormente, e com o intuito de tornar nossos alunos leitores assíduos da poesia, planejamos *Oficinas de leitura de poemas* que foram realizadas com graduandos dos cursos de Letras e Pedagogia da UEM e com professores da rede pública e privada da região. Apresentaremos, neste artigo, uma das propostas trabalhadas.

3.1. Oficina de leitura de poemas

Esta oficina foi planejada para um público de oitava série do Ensino Fundamental, baseada nas etapas do método recepcional supracitado, visando a uma reflexão sobre as várias facetas do amor e a experiência de leitura de poemas de diversos períodos literários.

1ª. Determinação do horizonte de expectativas dos alunos: o professor faz um inventário para descobrir qual o assunto das músicas mais ouvidas pelos alunos naquele período. Pode também levantar comentários sobre os pares românticos das telenovelas, trazendo algumas partes gravadas em fitas de vídeo para serem apresentadas em sala de aula. Com isso, suscitará discussões sobre os relacionamentos amorosos, assunto geralmente em pauta nesta fase da adolescência. Devido a isso, considera-se que o horizonte de expectativas dos alunos quanto ao tema diz respeito aos relacionamentos amorosos e o objeto portador de texto preferido é a música.

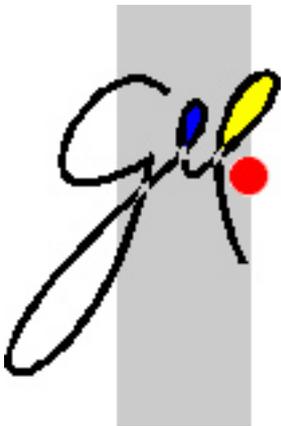


2ª. Atendimento do horizonte de expectativas dos alunos: pode ser feito com a música “Sozinho” (letra de Peninha, interpretação de Caetano Veloso). Primeiro os alunos ouvem, cantam e se inteiram da melodia. Depois, o professor entrega a letra da música. Os alunos lêem e conversam sobre o ritmo, a forma, o uso de rimas, sempre com o estímulo do professor. Depois, em grupos, os participantes conversam sobre a temática e organizam um cartaz em que registram a interpretação através de versos com rimas, acrescentando ilustrações (figuras recortadas de revistas ou desenhos feitos por eles), essa atividade pode ser realizada como tarefa de casa. Na aula seguinte, os cartazes são afixados na sala e os grupos apresentam oralmente os versos, culminando numa discussão pelo grupo maior. Desde as primeiras atividades, o professor deverá indicar um ou dois alunos, diferentes a cada aula, para exercerem o papel de relatores, eles deverão registrar todas as atividades e os comentários efetuados até o final da 3ª etapa do método recepcional.

3ª. Ruptura do horizonte de expectativas dos alunos: será efetuada quanto à forma. O professor pode utilizar a poesia *O Gondoleiro do Amor*, de Castro Alves. Um aluno, preparado com antecedência, faz uma leitura expressiva do poema. Depois, todos fazem uma leitura silenciosa. Em seguida, o professor divide a sala em dez grupos, atribuindo uma estrofe para cada grupo, que deverá organizar a apresentação da temática, utilizando o corpo, o espaço e outros materiais, menos a voz. Num outro dia, a cada estrofe, ou grupo que se apresenta, deve haver uma discussão quanto ao tema e à relação dos elementos aduzidos com o poema. Em seguida, o professor deve desenvolver o estudo do texto poético, de acordo com as possibilidades e os conhecimentos dos alunos, mas sempre acrescentando informações.

4ª. Questionamento do horizonte de expectativas dos alunos: os alunos que fizeram o registro durante as duas etapas anteriores se reúnem e escrevem uma síntese tanto das atividades quanto das reflexões. No momento do questionamento, essas anotações são lidas e realiza-se uma plenária geral para debater sobre as dificuldades encontradas, as diferenças entre os dois tipos de textos, a temática e as reflexões suscitadas, observando sempre se houve ou não mudança pessoal após as atividades. Em seguida, divide-se a sala em dois grandes grupos que deverão organizar um painel comparativo, um grupo apresenta sobre a música, outro, sobre a poesia. Os cartazes confeccionados na 2ª etapa podem fazer parte do painel. Este, depois de observado pelo professor, pode ser colocado em exposição fora da sala de aula.

5ª. Ampliação do horizonte de expectativas dos alunos: neste momento, o professor pode dividir a sala em três grupos e pedir que um faça uma coleta de outros poemas do mesmo autor com a mesma temática; outro, de poemas do mesmo período, mesma temática, mas de autores diferentes; e o terceiro, de autores contemporâneos, mas com a mesma temática. Os poemas podem ser fixados em sala de aula ou fazer parte de uma pequena coletânea com comentários dos alunos e do professor que deverá circular entre os alunos e professores. Nesses poemas, certamente surgirão outras facetas do amor não observadas na música ou no poema de Castro Alves. Pode-se, então, retomar as etapas do método com novos materiais e atividades.



Essa é apenas uma proposta de oficina que pode e deve ser modificada ou ampliada conforme o contexto e os sujeitos envolvidos no processo.

4. Considerações finais

A importância da leitura em geral e do texto poético, principalmente, para a nossa formação é fator incontestável. A escola precisa aderir a essa prática. A utilização de oficinas de leitura baseadas no Método recepcional pode auxiliar o professor nesta tarefa, trazendo para a sala de aula atividades que estimulem o interesse do aluno pela leitura do texto literário. É evidente que o professor precisa estar preparado teórica e metodologicamente para essa tarefa, buscando valorizar a literatura e integrar-se democraticamente com os alunos para a construção de novos conhecimentos a partir do texto poético/literário. A escola, em geral, deveria dar mais espaço para a leitura gratuita deste tipo de texto, criando condições para que alunos e professores desenvolvam projetos mais audaciosos nesta empreitada.

RESUMO: Pensando em somar esforços na constituição de leitores permanentes de literatura, pretendemos mostrar como é possível trabalhar a leitura do texto poético na escola de forma interessante. Para isso, apresentaremos algumas reflexões teóricas necessárias para o desenvolvimento das atividades e, em seguida, uma proposta de oficina de leitura da poesia.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; literatura; escola; oficina; poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Vera Teixeira &. BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- AVERBUCK, L. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, R. (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e Literatura. In: *Direitos humanos e Comissão de Justiça e Paz*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FREINET, Celestin. *A educação pelo trabalho*. Vol I e II. Lisboa: Editorial Presença, 1974.
- GERALDI, João W.. Prática da leitura de textos na escola. In: *O texto na sala de aula - leitura e produção*. Cascavel: ASSOESTE, 1991.
- MORAES LEITE, Lígia C.. Pedagogia da Invenção - Invenção da Pedagogia. In: *Invasão da Catedral: Literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.